



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

FERNANDO HISATONI PERICIN

HISTÓRIAS DE VIDA: AFETO, (IN)VISIBILIDADE E ARTE

Brasília

2017

FERNANDO HISATONI PERICIN

HISTÓRIAS DE VIDA: AFETO, (IN)VISIBILIDADE E ARTE

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura.

Brasília

2017

Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Artes (IdA) Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-Arte) Licenciatura em Artes Plásticas

Banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves (Presidente)

Profa. Dra. Andrea Campos de Sá (Examinadora)

Profa. Ma. Tatiana Duarte Menezes (Examinadora)

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.
Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900. Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

FERNANDO HISATONI PERICIN

HISTÓRIAS DE VIDA: AFETO, (IN)VISIBILIDADE E ARTE

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado.

Banca Examinadora:

Brasília - DF, 7 de Dezembro de 2017.

Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves

IDA/UnB - Orientadora

Profa. Dra. Andrea Campos de Sá

IDA/UnB - Membro

Profa. Ma. Tatiana Duarte Menezes

IDA/ UnB – Membro

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato aos que fizeram parte de toda a trajetória que culminou na realização deste trabalho: Ailton, Damião, Daniel, Fernando, Isaías, Keli, Ricardo e Salustiano por terem confiado e me emprestado suas histórias, obrigado!

Agradeço à colega Mariana pelo apoio, à professora Cláudia Bertolin pela paciência e generosidade, à diretora Amelinha pela atenção e disponibilidade.

Agradeço à minha professora e orientadora Lisa Minari pelo apoio, paciência, dedicação e por ter sido fonte de inspiração.

Não poderia esquecer de agradecer também à professora Tatiana Fernández que também me acompanhou durante o estágio e muito me ensinou.

Agradeço a todos os professores, aos colegas e aos amigos da graduação na Unb, todos foram muito importantes para contar esta minha história.

Devo agradecer a todos os outros professores que passaram pela minha vida, a tia Regina (a primeira de todas), a Cecília Degiovanni a minha professora de artes do primeiro grau, e tantos outros professores e professoras do ensino fundamental, do ensino médio, da primeira graduação em Letras, da Pós-Graduação, dos cursos livres de fotografia e das aulas de música. Agradeço aos tantos colegas professores que trabalharam comigo e aos que ainda trabalham.

Agradeço à minha família, pela paciência, carinho e atenção. Obrigado João, Cecília, Flávia, Alice, Elza, Shiro e Heverton.

RESUMO

Este trabalho narra a realização de uma oficina de artes sobre histórias de vida realizada no segundo semestre do ano de 2017 na Escola de Meninos e Meninas do Parque em Brasília-DF, que atende pessoas em situação de rua, desde os caminhos que levaram ao desejo da realização desta atividade, passando pela ideia da concepção do projeto e explicação sobre os referenciais teóricos e imagéticos utilizados, até a descrição detalhada dos resultados alcançados.

Além do resultado prático, que foram os trabalhos produzidos pelos envolvidos reunidos e aqui reproduzidos, juntamente com a narrativa das histórias de vida, foram intencionalmente abordados temas sobre a educação das pessoas em situação de rua, as condições em que estudam, a (in)visibilidade que possuem e como a afetividade e a empatia podem contribuir para que todos possamos evoluir enquanto seres humanos.

SUMÁRIO

1 - História de vida.....	10
1.2. Um desafio	11
2. As Disciplinas de Estágio na Graduação	11
2.1 Os estágios subsequentes	12
3. A escolha do tema para monografia e o “Teatro dos Vampiros”.....	15
4. Amelinha e a Escola.....	19
5. Mariana e os Astros.....	19
6. A professora Cláudia Bertolin.....	20
7. Lisa e a inspiração	22
8. A Oficina sobre histórias de vida.....	22
8.1 A Proposta de Oficina	22
8.2 A realização da Oficina.....	25
8.2.1 Renato Russo e a Legião Urbana	25
8.2.2 Frida Khalo	26
8.2.3 Van Gogh	27
8.3 A realização da oficina.....	27
8.4. As histórias de vida - Os trabalhos dos alunos.....	31
8.5 As expectativas e a realidade	42
9. A realização da oficina e a abordagem triangular.....	44
10. A afetividade - Teorias de psicologia da educação.....	46
11. O grupo invisível e Paulo Freire	47
12. Conclusão.....	48
Bibliografia	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola de Meninos e Meninas do Parque.....	13
Figura 2- A sala de aula de artes da EEMP com painel de folhas de bananeira sendo elaborado. (Estágio II)	14
Figura 3- Esboços e exercícios realizados durante as disciplinas desenho 1 e 2.	18
Figura 4- Detalhe da sala de aula com painel feito com folhas de bananeira utilizado em uma feira de ciências no DF.	21
Figura 5- Alunos durante a confecção do painel da Figura 4	21
Figura 6 - Aluno durante a realização da oficina	24
Figura 7- "Autorretrato como Tehuana" (1943).....	28
Figura 8- "As duas Fridas" (1939)	28
Figura 9- "Autorretrato com orelha enfaixada" (1889).....	29
Figura 10- "Quarto em Arles" 1888	29
Figura 11 - Fernando Pericin.....	30
Figura 12 - Daniel	32
Figura 13 - Ricardo	33
Figura 14 - Keli	34
Figura 15 - Keli II	34
Figura 16 –Damião.....	35
Figura 17 - Isaias	36
Figura 18 - Salustiano	37
Figura 19 - Fernando	38
Figura 20 - Bd Boy.....	39
Figura 21 - Ailton.....	41
Figura 22 - Professora Claudia.....	41
Figura 23- Mariana.....	42
Figura 24 - Aluna durante a realização da oficina	42
Figura 25 - Durante a oficina	44

1 - História de vida

Sou Fernando Hisatoni Pericin, nascido no interior de São Paulo em 4 de maio de 1981. Meu primeiro trabalho foi na área de educação, ainda na adolescência. Após terminar um curso de inglês, fui convidado a lecionar na instituição em que havia conseguido o certificado. Era um mundo novo, desafiador, surpreendente e, mesmo sem experiência nenhuma, talvez um tanto inconsequente, comecei a dar aulas na escola de idiomas. Entre muitos erros e alguns acertos, oriundos da experiência como aluno e da intuição, conduzi minhas aulas de inglês. Incentivado pelo meio, ingressei na faculdade de Letras¹. Não parei de lecionar até o final da faculdade. Houve uma interrupção para a participação em um programa de intercâmbio nos EUA durante 1 ano². Como o curso de Letras era de bacharelado, não cursei as disciplinas sobre as teorias de educação e, ainda contando com a intuição e o que já havia aprendido pela experiência, após ter concluído a graduação, continuei com a docência de inglês, tive contratos em diversas escolas, inclusive de ensino médio regular.

Em 2004 mudei para Brasília, deixei minha profissão de lado pois aqui, na capital do país, os concursos estavam a todo vapor no então governo do PT. Em novembro de 2004 fui nomeado em um concurso da PF onde trabalho até hoje. A educação foi deixada em segundo plano, com emprego estável e salário garantido, comecei a cursar direito para realizar concursos para cargos melhores e que pudesse ganhar um salário maior, além de procurar diversos hobbies. Do curso de direito sobrou apenas uma pós-graduação *lato-sensu* na área comercial, mas dos hobbies a fotografia começou a despertar maior interesse e comecei a participar de cursos livres e eventos como palestras e mostras. Após ter entendido a técnica das câmeras, precisava buscar algo sobre poética e composição. Para suprir essa necessidade, no ano de 2012, decidi tentar ingressar na UNB no curso de artes visuais, escolhi a licenciatura pois o gosto pelas aulas de inglês ainda era forte e seria como uma retomada de uma experiência boa que foi interrompida pelo direito e pelos concursos - que já não me interessavam mais.

Iniciar o curso de artes e começar a entender algo sobre desenho, poética, composição e estudar história da arte foi realmente fascinante e uma mudança de vida. Um mundo novo foi aberto na minha frente e eu aproveitei cada momento. A minha fotografia extrapolou a técnica e encontrei muito do que procurava quando entrei no curso de artes visuais. A área da educação

¹ Bacharelado. Tradutor e Intérprete. Português/Inglês na Universidade de Franca em Franca/SP.

² Participei do programa de “Au Pair” do governo dos EUA, trabalhando e estudando em Chicago/IL nos anos de 2001 e 2002.

acompanhou todo o processo do curso de licenciatura. O desenho, que foi a minha primeira aula da minha primeira disciplina na UNB, também foi marcante, não desenhava desde a infância e imaginava que não era capaz de começar por não possuir o “dom”.

Este TCC em artes visuais é o encontro das paixões e das experiências desta vida: a educação, experimentada na adolescência e no início da vida adulta e retomada na Universidade de Brasília e as artes, que me proporcionaram trilhar este caminho e o desafio de fazer e de criar.

1.2. Um desafio

Vincent Van Gogh perguntou: “O que seria da vida se não tivéssemos coragem de tentar alguma coisa?”³ Eu tentei.

Venho de família de classe média, sempre estudei em escolas particulares e a graduação na UNB foi a minha primeira experiência em uma instituição de ensino pública, juntamente com as três disciplinas de estágio. Além de conhecimento, o curso de artes visuais me proporcionou uma mudança de eixo de vida, graças a discussões e aulas e contato com professores, textos, autores, estágios, colegas, saí de um padrão de discurso direitista, branco, burguês, padrão e pude entrar em contato com discussões sociais e políticas que jamais havia pensado que até pudessem existir, porém, estive (e ainda estou) aberto a escutar e refletir sobre o que ouço, e é o que tenho feito. O desafio de tentar entender pessoas tão diferentes de mim e do que se considera o padrão, de me entregar emocionalmente e afetivamente e exprimir tudo o que senti neste trabalho é bastante grande. Desviar de um curso de vida padrão e de direita, estando inserido no meio em que vivo para mim não foi nada fácil, nem internamente revendo meus pensamento e conceitos, nem externamente no convívio com os familiares e os amigos, o que talvez tenha sido a parte mais difícil.

2. As Disciplinas de Estágio na Graduação

O primeiro período de estágio de observação foi realizado em uma escola regular e pública em Brasília. A minha atuação naquele momento consistia apenas em observar as aulas ministradas pelo professor de artes e relatar a experiência na disciplina de estágio. O professor

³ Conforme citado por GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista**. São Paulo: Zahar. 2015. (p. 128)

dispunha de uma sala-ambiente, usada somente para o ensino de artes. O que vi, porém, foi um ambiente que poderia ser usado para qualquer outro fim pois nada ali denunciava qual era a finalidade do espaço: as paredes brancas, pias em perfeito estado de conservação e limpeza e que não vi serem usadas para nada, carteiras dispostas em semicírculo numa provável tentativa de demonstração de integração entre os alunos e o docente, uma estante com alguns livros e revistas que em alguns momentos eram usados como referência, lousa, giz e um professor, como ele mesmo se descreveu: cansado e desmotivado. As aulas assistidas seguiam um mesmo padrão: exposição e leitura do conteúdo do livro distribuído pela Secretaria de Educação do DF seguidos de realização de exercícios indicados pelo material ou sugeridos pelo professor que poderiam ser perguntas e respostas sobre o que foi lido em um trabalho de compreensão textual ou a reprodução de imagens impressas. O professor cumpria seu papel sempre muito pontual e intolerante com relação às interações aleatórias e sem relação com a aula que surgissem entre os alunos, que pareciam respeitá-lo bastante.

O meu trabalho de observação foi cumprido, sem juízo de valor e nem críticas positivas ou negativas quanto a atuação do docente, apenas relatei o que foi presenciado. Durante este processo entre as idas e vindas da escola e os relatos escritos entregues deparei-me com o conflito de ter estudado diversas das disciplinas obrigatórias de educação no curso da UNB, estar com vontade de retomar a docência de forma melhor do que já havia conseguido, mas de ter presenciado aulas como a maioria que tive na escola quando era criança ou adolescente. Eu gostaria de inovar e experimentar, ver na prática como poderiam ser aplicadas teorias de ensino e aprendizagem de Paulo Freire, Vygotsky, Wallon, Rogers e tantos outros.

Para o semestre seguinte, na disciplina de estágio, resolvi procurar alguma outra escola que talvez pudesse me proporcionar uma experiência diferente da que tinha tido quando aluno de ensino fundamental e médio e do primeiro estágio cumprido.

2.1 Os estágios subsequentes

A Secretaria de educação do Distrito Federal mantém no Parque da Cidade, em Brasília, uma escola que atende pessoas em situação de rua e foi lá que realizei os dois períodos faltantes do estágio em artes visuais com a Professora Cláudia Bertolin.

É interessante notar que eu não sabia o que era aquele prédio onde funciona a Escola de Meninos e Meninas do Parque (EMMP), mesmo após anos frequentando o Parque da Cidade e que, curiosamente, pude constatar depois, que as pessoas do meu círculo de convivência também desconheciam completamente a existência da escola ou não sabiam qual era a função

daquela “casinha laranja na esquina do parque”. O prédio parece ter a mesma visibilidade dos alunos para a sociedade: trata-se de lugar de alto fluxo de passagem de carros e pedestres, mas é como se um prédio inteiro fosse quase invisível.



Figura 1 - Escola de Meninos e Meninas do Parque

Logo no primeiro contato vi que aquele lugar era realmente diferente pois o ambiente tinha energia, era integrado e aberto, pessoas circulavam pelo local, adultos em formação no curso de EJA eram livres, as árvores, a horta e o gramado ao redor tornavam a escola extremamente agradável. A sala de artes não era nada parecida com a da primeira escola, nem com as das minhas escolas de antigamente, era um verdadeiro ateliê com mesas grandes, trabalhos prontos e em desenvolvimento expostos, livros didáticos abertos e marcados, muito material disponível, a pia de dentro da sala era efetivamente usada para lavar os materiais manipulados durante as aulas.



Figura 2- A sala de aula de artes da EEMP com painel de folhas de bananeira sendo elaborado. (Estágio II)

Os alunos, adultos e frequentando o curso de EJA, naquele primeiro momento, para mim, eram um tanto destoantes do local. O uniforme da escola ajudou a contextualizá-los dentro do ambiente, mas ainda havia uma barreira de relacionamento entre mim e aquelas pessoas que na rua eram invisíveis.

Procurei uma experiência diferente e realmente encontrei pois nunca havia tido contato com pessoas em situação de rua a não ser por desviar de muitas delas pelo centro da cidade ou oferecer-lhes uma moeda ou um “não”, mas agora, além de trabalhar na EEMP, eu deveria interagir com aquelas pessoas e isso poderia ser um desafio, mas não foi. As atividades tanto de observação quanto de prática em conjunto com a professora ocorreram normalmente e muitas vezes, talvez por preconceito, eu tinha dificuldades em aceitar que aquelas pessoas tinham somente a rua como lar.

Com o tempo os laços com a professora, os funcionários e os alunos foram aumentando, já sabia os nomes de muitos e algumas poucas passagens das histórias de cada um, foi quando eu percebi que havia criado grande empatia por todas aquelas pessoas que até então eram, por mim também, invisibilizadas e categorizadas num único rótulo: “morador de rua”, muitas vezes sem gênero, idade, nome e identidade, assim como na história que ainda aprendemos em livros didáticos na escola: os índios estão na categoria de preguiçosos que habitavam o continente como os animais exóticos que foram encontrados e os negros africanos que vieram para o Brasil para serem escravizados na colônia portuguesa, hoje há a categoria dos moradores de rua que habitam as cidades brasileiras como se apenas existissem para fazer parte de uma triste realidade urbana. Ou seja, além da experiência de estágio como observador e docente tive uma experiência de vida e de descoberta. Pode parecer banal e demasiadamente simples afirmar que

todos temos uma história enquanto pessoa, individualmente ou coletivamente, enquanto um grupo a que pertencemos, mas parece nunca ser o bastante individualizar cada vez mais e, deste modo, nutrir a empatia pelo próximo e foi o que aconteceu.

3. A escolha do tema para monografia e o “Teatro dos Vampiros”

Decidi propor uma oficina de desenhos sobre histórias de vida na Escola de Meninos e Meninas do Parque. Conforme Irene Tourinho e Raimundo Martins (2006):

Investir em histórias de vida é pensar e praticar a educação como um processo de indagação, de investimento na formação de um capital cultural e simbólico. É pensar e praticar a educação como uma maneira de olhar o mundo e a si mesmo buscando construir uma visão da vida como existência dotada de sentido.

E segundo Marie-Christine Josso (2007):

(...) todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir, por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes, pode, desse modo, ver aflorar e penetrar nas preocupações existenciais dos aprendentes adultos.

Como relatei em capítulo anterior, tanto o ingresso na UNB, quanto as práticas de estágio aconteceram em território muito diferente de tudo que eu já havia vivenciado e pude experimentar mudanças internas de pensamento e sentimento. A universidade pública já representou uma reviravolta em minha vida, estagiar em uma escola invisível frequentada por invisíveis foi marcante. Talvez eu ainda não saiba o motivo real do fascínio, mas certamente não era apenas curiosidade. Estar contato com seres humanos que vivem em condições tão desumanas muitas vezes me fizeram sorrir, outras vezes me levaram às lágrimas⁴. Ter contato

⁴ Uma história que jamais esqueço: No dia 4 de maio de 2016, meu aniversário, fui para minha aula de estágio. Um aluno que era sempre bem calmo estava nervoso naquele dia e eu notei que ele estava bastante machucado, começamos a conversar e ele me contou que havia sido preso injustamente, havia apanhado de policiais na delegacia, havia sido humilhado pela delegada do plantão e como tinha passado um dia inteiro longe de sua casa, todas as latinhas que havia conseguido juntar durante a semana para vender haviam sido furtadas. Não consegui tirar aquela história da cabeça, não sabia se a toda a narrativa ou parte dela era mentira, mas eu sentia verdade no relato do aluno, via em seus olhos sua tristeza de ter perdido o pouco que conseguira juntar, sentia a revolta de ter sido injustiçado na fala. Conversando mais um pouco descobri que ele tinha nascido no mesmo ano que eu, ou seja, tínhamos praticamente o mesmo tanto de vida e eu estava prestes a comemorar meu aniversário com comida

com uma diretora que defende esta escola com tanta garra e funcionários e professores empenhados no trabalho com alunos peculiares - no sentido de não se encaixarem em padrões estabelecidos pela sociedade- me fascinou.

Como cantou Renato Russo em “Teatro dos Vampiros”⁵: “Sempre precisei de um pouco de atenção, acho que não sei quem sou, só sei do que não gosto”, todos precisamos de atenção, eu também preciso e recebo bastante atenção e carinho da família, dos amigos, dos colegas de trabalho, tenho uma casa boa e uma vida extremamente confortável, mas e aquelas pessoas que moram na rua, que eu mal cumprimentava e tratava como parte do cenário urbano brasileiro? Conviver com elas, ouvir suas histórias, ainda que por pouco tempo e após ter ingressado em uma universidade pública mudou minha vida, ainda mais durante um momento político de ondas conservadoras, preconceituosas e direitistas que ganharam o poder no Brasil (com o impeachment do governo do Partido dos Trabalhadores) e no mundo (como no caso vitória de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos, por exemplo). E sou grato pela possibilidade de ter mudado pois, do contrário, poderia estar até comemorando essas mudanças. E é como continua cantando Renato Russo: “E destes dias tão estranhos. Fica a poeira se escondendo pelos cantos”.

Se eu puder dar um pouco de atenção para uma pessoa que tem pouca ou nenhuma, e ajudá-la, eu gostaria de fazê-lo e isso foi um dos motivos de ter escolhido como tema para este trabalho realizar uma oficina sobre histórias de vida para pessoas em situação de rua, mas é claro que eu ganhei atenção também e, vindo deles que quase não tem nenhuma, a atenção ganha um valor muito maior.

Depois desta experiência e seguindo a canção, “eu acho que não sei quem sou”, estou em construção. Sei bem que todos sempre estamos, mas a minha mudança proporcionada pelo curso de artes visuais foi grande e impactante. Eu sei agora de muito mais coisas que não gosto e não gosto porque fazem mal, por exemplo: um discurso de meritocracia para quem nasceu numa rodoviária e viveu rodeado por consumidores crack faz mal, o descaso com a educação pública de qualidade faz mal, afinal quantas pessoas deveriam e poderiam frequentar uma instituição de ensino séria, limpa e organizada como a EEMP e não podem? Moradores de rua ou não. O histórico descaso com a valorização dos profissionais de educação faz mal - quão valorizados deveriam ser os funcionários de uma escola que atende pessoas em situação de rua?

e bebida à vontade naquela noite e aquele meu aluno iria voltar para o seu barraco, machucado, desamparado, desconsolado.

⁵ RUSSO, Renato. “**O Teatro dos Vampiros**”. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46983/>> (Visitado em 15-11-17)

Além de conhecimento técnico é preciso ter conhecimento pedagógico profundo, quiçá psicológico. O preconceito também faz mal.

Após a escolha feita, continuo com as palavras do poeta: “A riqueza que nós temos, ninguém consegue perceber, e de pensar nisso tudo, eu, homem feito, tive medo e não consegui dormir.” O desafio foi grande: tentar perceber e entender melhor o outro, um outro tão diferente, invisível, oprimido e ter que traduzir em palavras uma experiência sobre a qual ainda reflito bastante.

As histórias de vida sempre me interessaram, gosto de contar sobre as minhas experiências e gosto de ouvir histórias das pessoas. As biografias em forma de livros, documentários, filmes, peças de teatro já me fizeram criar empatia por diversas pessoas que jamais conheci, e provavelmente nunca conhecerei, pessoalmente. Foi assim com o Chico Buarque, a Gisberta, a Lady Gaga, a Laerte, a Leila Diniz, a Amy Winehouse, a Elis Regina, o Van Gogh, a Frida Kahlo, o Mark Rothko, o Gaudí, o Dado Villa-Lobos e o Renato Russo, por exemplo.

O tipo de trabalho escolhido para que os alunos pudessem se expressar foi o desenho, disponibilizamos papel, lápis, tintas, canetas hidrográficas e pincéis. Van Gogh⁶ e Frida Khalo⁷ treinaram o desenho por muito tempo na juventude e esta atividade atualmente não é valorizada, principalmente na educação de adultos. Como ressaltou a filósofa e artista Márcia Tiburi (2010, p. 9): “sou uma destas pessoas que gostam de desenhar e que se entristecem com o descaso em que a arte do desenho se encontra em nossos dias”⁸. O professor Fernando Chuí concorda com Márcia Tiburi e aponta uma possível razão para o descaso citado pela filósofa (2010, p.20): “As pessoas desenhavam cada vez menos, porque a vida vai esfacelando aos poucos os instrumentos de reflexão e apreciação da vida”. A escolha do desenho aqui neste trabalho, seguindo os pensamentos apresentados, também poderia ser entendida como um ato de resistência porque foi escolhida de uma forma de expressão que não tem muita visibilidade atualmente, num possível paralelo com a invisibilidade da maioria dos participantes da atividade⁹. Incentivar e estimular o desenho enquanto forma de expressão de adultos é uma tentativa de mostrar aos

⁶ Vincent Van Gogh treinou desenho de observação por muitos anos. Não conseguia fazer sucesso vendendo suas ilustrações.

⁷ Na juventude, após um acidente de ônibus Frida Khalo ficou acamada por muito tempo, foi incentivada a desenhar e pintar por seu pai que construiu uma estrutura adaptada ao seu leito para a prática de pintura, inclusive com um espelho para que pudesse praticar desenhos de autorretrato.

⁸ A filósofa Márcia Tiburi ressaltou nesta passagem que está se referindo ao “desenho-artesanato” ou “desenho-arte” e não do **design** que, para ela seria a sobrevivência do desenho, ou seja, uma espécie de morte do desenho.

⁹ “Seria o desenho uma língua perdida ou simplesmente substituível pela língua das palavras? Ou seriam as palavras só o que restou do desenho?” Márcia Tiburi (2010 p. 12)

alunos uma possibilidade de um fazer artístico enquanto forma de expressão - neste caso tanto para a leitura das obras quanto para a elaboração dos trabalhos¹⁰. A minha intenção nesta atividade foi chamar a atenção dos alunos para a leitura das obras de arte apresentadas enquanto trabalhos autobiográficos e para o fazer artístico que podem desenvolver usando materiais de fácil acesso como lápis e papel, aproximando-os de certa maneira dos artistas (não somente dos apresentados na atividade) e tentando despertar o interesse para um fazer artístico expressivo e autoral. O professor Fernando Chuí (2010 p. 17) define o ato de desenhar: “Eu desenho um desenho. Uma nova configuração cósmica ao alcance da mão. Nascimento da alma a partir do gesto.” Márcia Tiburi completa o pensamento (2010 p. 22): “Todo desenho, neste aspecto, pode ser explicado pela boa teoria de Marx sobre a ação humana: o homem é fruto do seu trabalho, o homem é a sua própria obra, ele é o que é por meio daquilo que faz.”

Para mim o desenho foi também um dos maiores desafios durante o curso de artes. Primeiro porque eu acreditava não ter o “dom” e não me recordava ter desenhado após a infância, segundo porque, em seu sentido amplo, é a base para todas as outras disciplinas de artes: gravura (e suas diversas técnicas), pintura (e seus diversos suportes), escultura e até mesmo fotografia e arte eletrônica. Ainda tento desbravar os caminhos do desenho e realizar minha produção.



Figura 3- Esboços e exercícios realizados durante as disciplinas desenho 1 e 2.

¹⁰ Márcia Tiburi questiona (2010, p. 11): Substituíram pela alfabetização o gesto de desenhar, recalcando, assim, suas funções expressivas? Sabemos que nossa cultura valoriza pouco o trabalho com o traço, ao mesmo tempo que dele depende. Afinal, vivemos em uma *cultura do design*.

4. Amelinha e a Escola

Amelinha é a diretora da Escola de Meninos e Meninas do Parque. Apesar do sorriso constante, imagino o peso que carrega nas costas pois dirige uma instituição pública de ensino de oprimidos em situação de rua em local nobre da capital de um país que historicamente não valoriza a educação, especialmente a pública.

Percebe-se claramente que há um esforço para manter aquela instituição funcionando bem e em ótimas condições tanto de estrutura física quanto pelo serviço prestado e imagino que não seria surpresa se algum governo quisesse acabar com a escola¹¹ - se é que alguma vez isso já não aconteceu.

Durante o tempo em que estive na EMMP ouvi na sala dos professores e pelos corredores os diversos problemas que são levados ao conhecimento da direção: problemas com drogas, gravidezes indesejada, doenças, prisões (inclusive supostamente arbitrárias), violência praticada ou sofrida, abandono, descaso, enfim, toda sorte de acontecimentos de porta-vozes de problemas sociais graves que nos afetam há anos e que parece não haver solução.

Admiro o sorriso da diretora e admiro o sorriso de cada um dos funcionários que conduzem um trabalho tão firme e importante em um local invisível e ao mesmo tempo visado pois, geograficamente, a escola está situada em um dos pontos onde o metro-quadrado é mais caro no Distrito Federal¹² (e talvez no Brasil) que é no Parque da Cidade, entre a Asa Sul e o Sudoeste e atende pessoas marginalizadas e oprimidas.

5. Mariana e os Astros

“-Você é Taurino?” Acho que foi esta a primeira frase que ouvi da sagitariana Mariana, colega de curso de artes visuais e uma pessoa extremamente sensível e afetiva. Alguns semestres de amizade depois, nos encontramos novamente escrevendo a monografia, sendo

¹¹ Acabar com a escola não por vontade de retirá-la do local em que está, mas deixá-la definhando por mero descaso com a causa (omissão) ou deixar-se levar pela especulação imobiliária do local e transformá-la em outro tipo de atividade para outro tipo de público.

¹² Segundo reportagem do site do Estadão, caderno de Economia e Negócios de 03 de março de 2017, Brasília tem o metro quadrado mais caro do Brasil, seu bairro mais caro seria o Noroeste com preço de cerca de R\$9600,00/m², no Sudoeste o valor do m² seria em torno de R\$ 9500,00 e na Asa Sul, bairro do Parque da Cidade R\$ 8.800/m². Site: <http://economia.estadao.com.br/noticias/releases-ae,brasil-tem-o-metro-quadrado-mais-car-do-brasil,70001685679> (visitado em 17/11/2017)

orientados pela mesma professora e propondo o mesmo tema. Não deixamos nos escapar o que os astros nos reservaram: decidimos propor e realizar juntos a oficina sobre histórias de vida na EMMP.

Touro¹³ e sagitário¹⁴, razão e emoção, decidimos não ler o trabalho do outro até a data da entrega, entretanto, muito provavelmente, nossas características astrológicas marcarão nossas diferenças e apontarão nossas semelhanças. Estou curioso, ansioso e animado pois acredito que nossos trabalhos se complementarão tornando o relato da oficina realizada ainda mais importante e rico.

6. A professora Cláudia Bertolin

Empenhada, comprometida, ativa, atenciosa, a professora Cláudia da EEMP, com um jeito cândido e sereno leva projetos adiante, trazendo ideias novas, sempre modificando a decoração da escola com o material artístico audacioso e ambicioso produzido em sala de aula, objetos trabalhosos e pensados para o ambiente como *site-specific art*.¹⁵ A cada novo tema trabalhado pela escola, a professora contextualiza o assunto em sala, elabora projetos artísticos junto com os alunos, discute e executa brilhantemente painéis sob medida para colocar nos corredores. Elabora, junto com os alunos maquetes, réplicas, colagens e o que mais sua imaginação e sensibilidade mandarem com uma calma e paciência que quem vê de fora tem certeza que não vai dar tempo de executar, mas sempre dá e, quando menos se espera, outro projeto já está prestes a ser executado. Os trabalhos não são apenas decorativos e não ficam somente no ambiente escolar, eles também possuem mensagens fortes e ganham espaço fora como nas feiras de ciências que a escola sempre participa ou em movimentos que tentam extrapolar os limites da instituição.

¹³ Esta nota foi escrita depois do trabalho concluído e depois das considerações finais da orientadora. A astrologia nunca me interessou, sou leigo no assunto, mas depois da convivência com a Mariana, passei a achar o assunto interessante. Parece-me que o trabalho realmente seguiu algumas características do meu signo, “pé no chão”, sistemático e teimoso Segundo o site do Globo Repórter: “Metódico, não se arrisca com facilidade.” Fonte: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/07/confira-o-perfil-e-caracteristicas-dos-signos-do-zodiaco.html> (visitada em 17/11/17).

¹⁴ Mariana é pura emoção, sensibilidade e afetividade. Segundo o site do Globo Repórter, Sagitário “só trabalha em função de um ideal, nunca apenas pela sobrevivência. Para ele, tudo tem que dar prazer! Tem intuição e criatividade. É otimista, autoconfiante, consegue equilíbrio físico, mental e espiritual.” Fonte: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/07/confira-o-perfil-e-caracteristicas-dos-signos-do-zodiaco.html> (visitada em 17/11/17)

¹⁵ Este conceito tem origem na década de 60 e remonta às experiências de intervenção em espaços urbanos. As obras são realizadas especialmente para uma situação específica ou um local específico. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u36575.shtml> (visitado em 17/11/2017)

Cláudia trabalha bastante a coletividade em sala de aula, o que é interessante neste grupo pois, pela situação em que vivem os alunos e até por questões de sobrevivência na selva urbana, a individualidade é forte, mas no território da sala os trabalhos são coletivos. Com seus anos de experiência na EEMP e muita sensibilidade ela sabe conduzir o grupo de alunos com maestria.

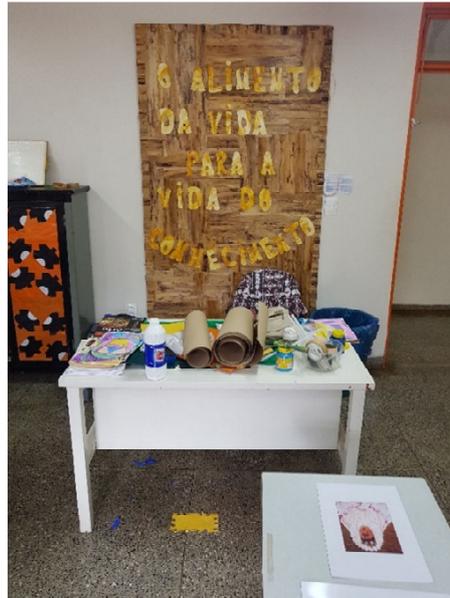


Figura 4- Detalhe da sala de aula com painel feito com folhas de bananeira utilizado em uma feira de ciências no DF.



Figura 5- Alunos durante a confecção do painel da Figura 4

7. Lisa e a inspiração

Segundo já disse a artista Georgia O’Keeffe “ É preciso ter coragem para criar o seu mundo em qualquer uma das artes”¹⁶ e coragem e arte não faltam para Lisa.

Foi nas disciplinas de estágio 1 e 2 que conheci a professora que viria a se tornar minha orientadora de trabalho de conclusão de curso: Lisa Minari. Conheci o trabalho que ela realizava à época: os “Catadores Gastronômicos”¹⁷ projeto em que ela recolhia alimentos que seriam destinados ao lixo e preparava refeições para quem morava ao relento, na rodoviária de Brasília. Fiquei impressionado com o trabalho realizado e tê-lo visto acontecer certamente inspirou o restante de minha jornada na graduação, até o resultado final: este trabalho de conclusão de curso.

A preocupação com o outro, o olhar atento, a escuta sensível, são características marcantes do trabalho da minha orientadora e viraram fontes de inspiração pois a vontade de poder ajudar o próximo, ouvir, e dar voz, nem que seja por um breve instante, através do meu TCC, partiram também da convivência e observação do trabalho de várias pessoas, inclusive da Lisa.

8. A Oficina sobre histórias de vida

Conforme já foi relatado, após dois semestres consecutivos de estágio supervisionado na Escola de Meninos e Meninas do Parque eu percebi que, apesar da convivência na instituição e das atividades realizadas em conjunto eu conhecia pouco daquelas pessoas e muitas não me conheciam, ainda estávamos distantes. Foi então que decidi realizar a oficina sobre histórias de vida que dá origem a este trabalho de conclusão de curso.

8.1 A Proposta de Oficina

¹⁶ Conforme citado por GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista**. São Paulo: Zahar. 2015. (p. 118)

¹⁷ O trabalho de reaproveitamento de alimentos próprios para o consumo e que seriam descartados feito pela professora Lisa Minari foi importantíssimo para pessoas em situação de rua no DF. Site: <https://noticias.r7.com/distrito-federal/professora-do-df-recolhe-alimentos-do-lixo-e-faz-sopa-para-distribuir-a-moradores-de-rua-23102015> (visitado em 17/11/2017)

Apresentei à minha orientadora Lisa e à Professora Cláudia da EEMP uma proposta de oficina para compor a monografia para a conclusão do curso de licenciatura em artes visuais (TCC). O tema genérico proposto para a realização da oficina foi: “Histórias de Vida”. Os alunos participantes da oficina produziram material artístico que foi reunido e aqui reproduzido.

Este trabalho e esta proposta de oficina foram frutos do caminho trilhado durante o curso de artes visuais, em primeiro lugar porque eu pude descobrir na universidade que conseguia desenhar mesmo não tendo o “dom”, além disso, a minha produção artística revelou-se fotográfica e com um viés documental e de colecionismo o que fez com que a área de pesquisa tenha sido direcionada para as questões de identidade e biografia, além dos livros de artista ou coleções de fotos e trabalhos, principalmente os relacionados com histórias de vida. Em segundo lugar porque, até fazer o estágio na EEMP eu não tinha grande interesse na área de educação, apesar de fazer curso de licenciatura. Além de ter sido recebido de braços abertos pela EMMP e pela professora de Artes, Claudia Bertolin, a relação com alunos de EJA da instituição foi importante para a minha formação, tendo despertado em mim maior interesse por questões pedagógicas e teorias de educação - neste caso, arte-educação.

O convívio com pessoas que são invisibilizadas pela sociedade foi de extrema importância para o meu crescimento pessoal e profissional afinal, um dos papéis do educador é uma relação de empatia e escuta sensível com os alunos para que se possam criar relações de afetividade, o que comprovadamente aumenta o grau de efetividade no processo de educação. Segundo Ivan Illich em *Sociedades sem Escolas*, (1976, p. 76): “A aprendizagem é a atividade humana que menos necessita de manipulação por outros. Sua maior parte não é resultado de instrução. É, antes, resultado de participação aberta em situações significativas.” Espero que esta oficina seja tão significativa para os demais participantes quanto foi para mim toda a experiência na EMMP. Segundo Carl Rogers (1975, p.155) “(...) uma das melhores maneiras, embora das mais difíceis, de aprender é (...) abandonar minhas atitudes defensivas, pelo menos temporariamente e tentar compreender como outra pessoa concebe e sente a sua experiência.” e conforme Lev Vygotsky (1998, p. 115): “(...) o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual [os aprendizes] penetram na vida intelectual daqueles que os cercam.”

Este projeto, além de fazer parte do meu trabalho final do curso de artes visuais, teve a finalidade de ser um agradecimento à escola, à professora Cláudia e aos alunos e é por este motivo que o material coletado e reunido será impresso e entregue aos envolvidos.

A realização do evento aconteceu em um único encontro na EMMP. Os materiais utilizados foram aqueles comuns para a produção artística em ambiente escolar como folhas de papel de diversos formatos e cores, lápis pretos e lápis de cor, tintas guache, tesouras sem ponta e cola. A abordagem foi relacionada com a questão de biografia dos envolvidos, tanto dos alunos, quanto do proponente da oficina e, inclusive, a professora da turma foi convidada a participar da atividade juntamente com a colega de curso Mariana que estava presente e fez parte do processo de realização da oficina.

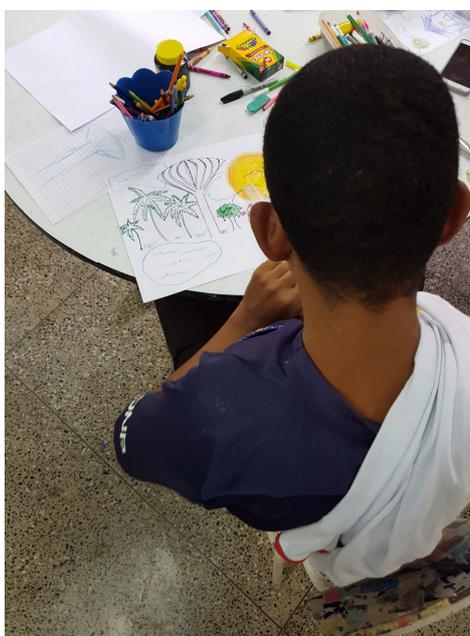


Figura 6 - Aluno durante a realização da oficina

A atividade apresentou questões de interdisciplinaridade entre as artes visuais, a literatura e produção textual, interpretação de imagens e textos e áreas como psicologia, sociologia e arte-terapia.

A relevância e importância deste projeto está diretamente relacionada com o indivíduo e o ser humano. Desde as teorias da Educação de Piaget¹⁸, Vygotsky¹⁹ e Wallon²⁰, em que se

¹⁸ Segundo Yves de la Taille (2010 p. 21): “Piaget pensa o social e suas influências sobre os indivíduos pela perspectiva da ética.”

¹⁹ De acordo com Marta Kohl de Oliveira (2010 p. 33): “As postulações de Vygotsky sobre os fatores biológicos e sociais no desenvolvimento psicológico apontam para dois caminhos complementares de investigação: de um lado, o conhecimento do cérebro como substrato material da atividade psicológica e, de outro lado, a cultura como parte essencial da constituição do ser humano, num processo em que o biológico transforma-se no sócio histórico.”

²⁰ Segundo Heloysa Dantas (2010 p. 36): “Para Wallon, o ser humano é organicamente social, isto é, sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar”.

destaca a importância da interação, ou seja, do coletivo, da coletividade, do social e da cultura, além das relações de afetividade entre os participantes no processo de educação. O fim da atividade é o trabalho artístico de cada um dos participantes: trata-se de um convite ao interior de cada pessoa participante e da definição atual de sua identidade levando em consideração as diversas biografias, além disso, a proposta de compartilhamento de cada um dos trabalhos individuais tem a finalidade de fazer com que as pessoas se conheçam um pouco mais, com o objetivo de uma maior compreensão do outro por parte de todos e uma compreensão geral do grupo com a intenção de provocar reflexões sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o coletivo em todos os integrantes da oficina.

8.2 A realização da Oficina

O projeto foi aceito tanto pela professora Cláudia da EEMP quanto pela orientadora Lisa. Em 28 de outubro de 2017, data que foi previamente combinada com a professora Claudia Bertolin, compareci à escola com a colega de curso Mariana que muito me ajudou durante as atividades. Iniciamos mostrando aos alunos várias maneiras de falar sobre si mesmo ou de contar sobre a vida de alguém.

Escolhemos 3 figuras importantes para que os alunos pudessem apreciar as obras e usar como referência para os trabalhos que iriam produzir: Renato Russo, Frida Khalo e Vincent Van Gogh.

8.2.1 Renato Russo e a Legião Urbana

A primeira escolha foi um tanto quanto afetiva, tanto para mim quanto para os alunos. Primeiramente por Renato Russo ter passado grande parte de sua vida em Brasília, local em que vivo há quase 15 anos e seus rastros estão pela cidade: o local onde morou e os locais do primeiro show, os lugares onde frequentava e por onde andava, além da cidade estar “cantada” em suas músicas. Por exemplo, a EEMP está no parque da cidade onde Eduardo e Mônica²¹, segundo a música, se encontraram após terem se conhecido em uma “festa estranha com gente esquisita”. Depois porque, militante de causas sociais, indignado com a situação política do país que se perpetua até hoje indignou-se: “Que país é este?”²². Em “Perfeição”²³ continuou

²¹ RUSSO, Renato. “Eduardo e Mônica”. Disponível em: < <https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/22497/> >

²² RUSSO, Renato. “Que país é este?”. Disponível em: < <https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/46973/> >

²³ RUSSO, Renato. “Perfeição”. Disponível em: < <https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/46967/> > (Visitados em 15/11/17)

ironicamente: “Vamos celebrar nosso governo, e nosso Estado, que não é nação, celebrar a juventude sem escola, as crianças mortas, celebrar nossa desunião”.

Eu já sabia que os alunos da escola gostavam das músicas do cantor, já tinha ouvido muito sobre Renato Russo pelos corredores, é como se fosse alguém mais próximo de suas vidas. Tenho certa dificuldade em expressar sentimentos e escolhi utilizar algumas palavras do poeta Renato Russo neste trabalho. Ele traduz muito do que quero dizer, apesar de exercitar não consigo me expressar tão poeticamente. Após ler a biografia²⁴ e o diário do cantor²⁵ e, portanto, construir uma relação ainda mais afetiva com alguém que jamais conheceria, em um dia das mães, alguns poucos anos atrás, recebi o convite de passar o dia inteiro com a mãe e a irmã do Renato na casa delas. Fui preparado para uma festa onde somente as cumprimentaria, almoçaria e iria embora, mas não foi o que aconteceu: sentei-me à mesa ao lado de Dona Carminha e Carmem Tereza Manfredini, mãe e irmã de um ídolo, cantamos juntos as canções que me acompanham desde a adolescência, contaram-me histórias, algumas até que eu já havia lido, outras que eu achava que eram lendas, mostraram-me fotografias e recordações, foi emocionante. O lado sentimental foi fator decisivo nesta escolha.²⁶

8.2.2 Frida Khalo

Uma pessoa forte, como personagens deste trabalho e uma mulher valente, como as tantas mulheres que moram nas ruas. A escolha de Frida Khalo também não foi por acaso, Brasília recebeu recentemente uma grande exposição sobre a pintora e os alunos tiveram contato com sua biografia assistindo um filme exibido na escola e sempre citavam Frida como referência. Seu sofrimento dialoga com o sofrimento e a dor de muitos alunos, sua vida amorosa conturbada e exposta na sua história toca o íntimo de muitas pessoas, afinal isso não é privilégio de nenhuma classe social.

²⁴ MARCELO, Carlos. Renato Russo – Filho da Revolução. São Paulo: Editora Planeta. 2016.

²⁵ RUSSO, Renato. Só por hoje e para sempre. São Paulo: Cia das Letras. 2015

²⁶ Em 2004, logo que me mudei para Brasília, em um dia lindo de verão eu estava indo para o trabalho, como de costume bem cedo, antes do horário de pico para me deslocar com tranquilidade e pegar uma boa vaga de estacionamento. Estava passando pelo início da Asa Sul, local onde eu sabia era próximo dos lugares frequentados por Renato Russo, fiquei imaginando como deveria ser sua vida, agradei em silêncio por poder estar ali em Brasília disfrutando daquele momento e pensando no Renato, quando o locutor do rádio anunciou a música “Pais e Filhos” da Legião Urbana. Não tive como não me emocionar. Acho que é disso que falam quando dizem que tudo no universo está conectado. Estamos todos ligados e unidos em um só pensamento.

O surrealismo presente em suas obras narra com grande expressividade os momentos de sua vida e foi isso que também me chamou a atenção para a escolha até porque para mim, imaginar-me sem um lar, morando na rua, é algo um tanto surreal.

As marcas do acidente sofrido pela artista e suas tantas cirurgias deixaram cicatrizes como as que podem ser encontradas nos corpos de quem está desprotegido e entregue à sorte nas ruas de Brasília e, por tudo isso, a artista se tornou importante para esta atividade.

8.2.3 Van Gogh

Um clássico oprimido. Queria ser pintor, mas sem muitos recursos, jamais conseguiu se manter com a venda de suas obras, dependeu por muito tempo de ajuda do irmão Theo. Li uma extensa biografia do artista²⁷ meses antes de ir ao Museu Van Gogh em Amsterdã, mais uma história de vida que entrou para a minha, de uma outra pessoa que jamais conhecerei e por quem tenho tanta admiração. Um batalhador que acreditava em sua arte e seus sonhos, mas que jamais teve sucesso em vida, pelo contrário, era considerado fracassado, bêbado e louco, características que permitem que seja possível traçar um paralelo com a ideia preconceituosa que se tem das pessoas em situação de rua.

8.3 A realização da oficina

Eu, Mariana e Cláudia iniciamos a atividade com breve explanação sobre o significado das palavras “identidade” e “biografia”. Após, apresentamos 2 livros sobre Renato Russo, uma biografia e um diário. O cantor foi escolhido por ser da cidade Brasília e pelo gosto musical dos alunos, o que eu já sabia pela convivência anterior com eles. Mostramos aos participantes o livro da biografia de Renato Russo escrito por Carlos Marcelo e o diário escrito pelo próprio cantor e que foi publicado em 2015 sob o título “Só por hoje e para sempre: Diário do Recomeço”²⁸. Com estes dois livros a intenção foi exemplificar como podemos contar a história de alguém através de um livro de biografia com textos, fotografias e documentos e como alguém pode narrar sua própria história em um diário com textos, rabiscos e desenhos.

²⁷ NAIFEH, Steven e SMITH, Gregory White. VAN GOGH – A vida. São Paulo: Companhia das Letras. 2012

²⁸ RUSSO, Renato. Só por hoje e para sempre. São Paulo: Cia das Letras. 2015

Continuamos a apresentação exibindo duas imagens de autorretratos de Frida Kahlo: “Autorretrato como Tehuana” de 1943²⁹ e “As duas Fridas” de 1939³⁰. Era sabido que parte dos alunos presentes já tinham visto o filme sobre a vida da pintora mexicana e visitado uma exposição no ano anterior no Centro Cultural da Caixa em Brasília. A colega Mariana contou sobre a vida da artista com a ajuda dos alunos, que já sabiam bastante sobre o assunto, passamos as imagens impressas para apreciação e discutimos como aquelas imagens podiam contar parte da vida de uma pessoa.

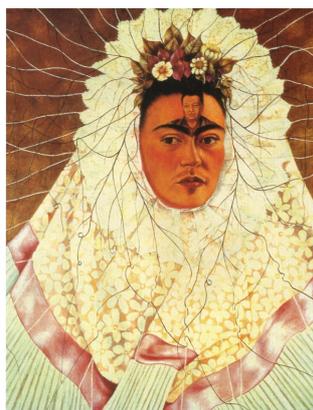


Figura 7- "Autorretrato como Tehuana" (1943).



Figura 8- "As duas Fridas" (1939)

²⁹ Disponível em: <<https://uploads7.wikiart.org/images/magdalena-carmen-frieda-kahlo-y-calder%C3%B3n-de-rivera/self-portrait-as-a-tehuana-1943.jpg>> (visitado em 15/11/2017).

³⁰ Disponível em: <<https://surrealismodoacaso.files.wordpress.com/2009/05/frida-kahlo-as-duas-fridas.jpg>> (visitado em 15/11/2017)

As últimas duas imagens apresentadas são de autoria do pintor holandês Vincent Van Gogh: “Autorretrato com a orelha enfaixada” de 1889³¹ e o famoso “Quarto em Arles”³² de 1888. Coincidentemente o pintor havia sido tema da aula anterior da Professora Cláudia, o nome do artista e o ano de seu nascimento ainda estavam escritos na lousa. Fiz uma breve explicação sobre a vida de Van Gogh mostramos as imagens e contextualizamos as obras.



Figura 9- “Autorretrato com orelha enfaixada” (1889)

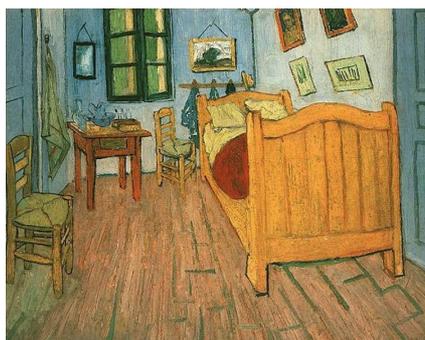


Figura 10- "Quarto em Arles" 1888

Com as obras deste último artista a intenção foi exemplificar que, além de um autorretrato, podemos contar parte das nossas vidas usando outro tipo de figuras como o ambiente do quarto de Van Gogh.

Iniciei o processo do fazer artístico: coleí uma folha de papel na parede e me desenhei rapidamente contando um pouco sobre a minha vida aos alunos. Penso que para aquelas pessoas eu era, até então, apenas o estagiário que auxiliava a professora em alguns momentos. Ainda que muito brevemente, iniciar contando um pouco sobre a minha vida, já fez com que alguns alunos fossem incentivados a produzir algum tipo de desenho também.

Expliquei a todos que o objetivo era que pudéssemos nos conhecer melhor, assim como conhecemos sobre a vida dos artistas apresentados e, assim, nos aproximar. Pedi que contassem

³¹ Disponível em <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f0/VanGogh-self-portrait-with_bandaged_ear.jpg> (visitado em 15/11/2017)

³² Disponível em < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/ff/Camera_da_Letto_Vincent_van_Gogh.jpg> (visitado em 15/11/2017)

o que viesse a cabeça e o que quisessem (e pudessem) falar. Não era necessário contar detalhes, eu queria ser um ouvido amigo durante uma produção artística.

O primeiro desenho foi o meu, meio desajeitado e um tanto preocupado com o desenrolar da atividade que, apesar de planejada ainda estava no início, fiz um esboço da minha figura como num autorretrato, enquanto isso contei de onde vinha, quem eram meus pais, o motivo pelo qual mudei para Brasília, cidade que gosto e foi representada por um cruzamento de trânsito conhecido por “tesourinha” e pelo “plano piloto” em formato de avião. Contei que atualmente também trabalho com educação a distância, por isso a representação de um computador, expliquei o que era esse tipo de educação (a EAD) e disse que mesmo virtualmente eu poderia conhecer várias pessoas, mas agora era a hora de conhecer a todos ali pessoalmente.



Figura 11 - Fernando Pericin

Um aluno ainda resistia em realizar a tarefa proposta. A professora Cláudia e a colega Mariana também foram convidadas a participar das atividades. Distribuímos papéis e diversos tipos de material para que os alunos pudessem fazer seus trabalhos. Após algum tempo de produção, comecei a conversar com os alunos individualmente, porém todos estavam escutando e podiam participar da conversa. Comecei a perguntar o significado de seus desenhos, dando início a uma fase de reflexão e interação.

8.4. As histórias de vida - Os trabalhos dos alunos

Daniel, emotivo, apaixonado e trágico foi o mais categórico na afirmação de que não queria participar da atividade pois afirmava não tinha nada para contar. Começamos a conversar, perguntei de onde ele veio porque ele estava na escola e ele começou a dizer que “era tudo muito confuso e conturbado em sua vida” por motivos de paixão e amores não correspondidos, tudo bem parecido com a música do Legião Urbana que leva seu nome “Daniel na cova dos leões”³³:

“Aquele gosto amargo do teu corpo
Ficou na minha boca por mais tempo
De amargo, então salgado ficou doce
Assim que o teu cheiro forte e lento

Fez casa nos meus braços
E ainda leve, forte, cego e tenso
Fez saber
Que ainda era muito e muito pouco”

Romântico e exagerado após um tempo de conversa disparou a contar histórias sobre exemplos de relacionamentos que não foram bem-sucedidos. Com tanto amor guardado e não correspondido, perguntei sua idade: apenas 23 anos. Foi se abrindo aos poucos sentia-se desiludido no amor, queria ser livre e decidiu morar na rua para “não ter que lavar as louças quando alguém mandasse”. Não sei se tem família próxima, mas parece ter, descreveu sobre um trabalho recente que também recusou em busca da tal da liberdade. Enquanto conversávamos, ele escrevia algumas palavras numa folha de papel, com cores alegres, nada confuso, nada triste com o que disse querer buscar para sua vida: Paz, alegria e felicidade. Liberdade!

³³ RUSSO, Renato. “Daniel na cova dos leões”. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46935/>> (Visitado em 15-11-17)

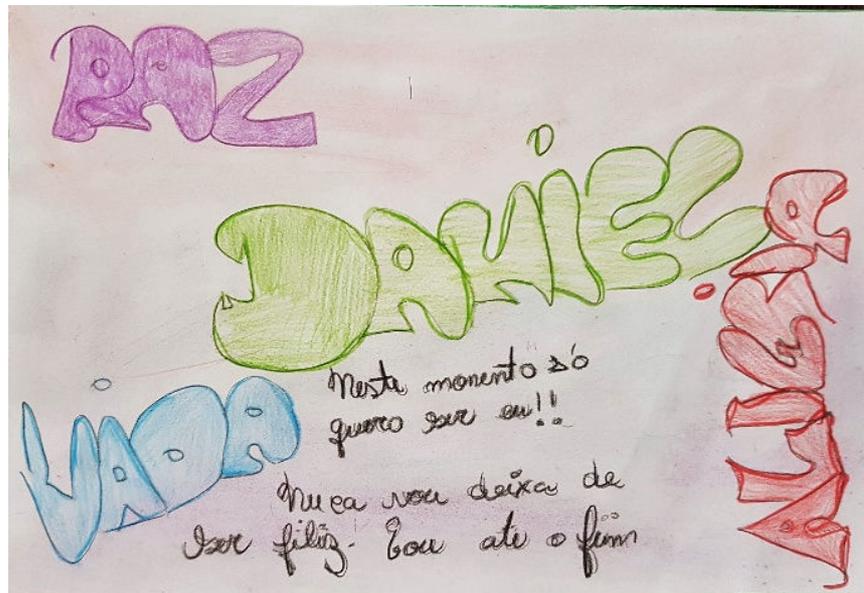


Figura 12 - Daniel

Logo no início das atividades Ricardo pediu uma régua e começou a desenhar linhas paralelas e perpendiculares no papel. Fiquei curioso, fui conversar. Prontamente, e com propriedade sobre o que falava, ele disse que a sua vida era muito rotineira e “quadrada”: frequentava a escola todos os dias, vendia as suas revistas como porta-voz de cultura da Revista Traços³⁴, pagava suas contas, tinha suas dificuldades, mas vivia uma rotina e que gostaria de seguir caminho nos estudos. Foi interessante perceber que a vida de quem mora na rua possa ser tão regrada e o notar o paralelo que estabeleceu entre a sua rotina e os traços das ruas da capital. Curioso sobre minha profissão e sobre como fiz para ser professor, disse que também queria ser professor de língua portuguesa.

³⁴ A Traços é uma revista vendida por várias pessoas em situação de rua no DF. Segundo a própria revista: “Traços é um projeto de reinserção de pessoas em situação de rua na sociedade”. Os vendedores, ou “Porta-Vozes da Cultura”, são capacitados pelos responsáveis pela revista, compram a publicação por 1 real e vendem por 5 reais. Para ser um porta-voz de cultura, e pessoa deve obedecer um código de conduta.



Figura 13 - Ricardo

Keli é forte, determinada, decidida a ser advogada, talvez por tanto ter precisado de um profissional e agora querer ajudar o próximo. Em meio a um turbilhão de informações sobre sua vida contou que fora abandonada pela mãe na rodoviária do Plano Piloto em Brasília, envolveu-se com drogas pesadas como merla e crack, mais de uma vez, até que chegou ao fundo de um poço de onde não conseguia mais sair. Viu-se impotente, desamparada e sem os dentes. Procurou a escola pois tinha vontade de mudar de vida, encontrou apoio e dentes novos. Arrumou um namorado com quem quer se casar - Ricardo, o “certinho” do desenho acima. É fiel a Deus, é esperançosa e espero que vá longe. Extremamente ciumenta e briguenta, dona de personalidade forte, digna de Frida Khalo, desenhou dois autorretratos - talvez numa tentativa de diálogo com a obra da pintora. Conheço Keli do tempo do estágio, sempre batemos um papo, ela me conta de suas aventuras pela cidade. É muito orgulhosa de ter conseguido trabalho como “porta-voz da cultura” do projeto da Revista Traços e de estar livre das drogas (das ilícitas, como ela mesmo faz questão de enfatizar).



Figura 14 - Keli



Figura 15 - Keli II

Damião desenhou sua realidade. Perguntei sobre o seu trabalho e sobre o que ele podia falar e o que queria contar. Ele respondeu que sua vida se resumia àquele barraco que ele mesmo havia construído e onde morava sozinho. Contou também que trabalhava com reciclagem de lixo: ele recolhe o material pela cidade, armazena próximo ao seu barraco e vende. Em certo momento este aluno foi questionado pela professora sobre a qualidade do acabamento de seu desenho e disse que ele poderia fazer melhor. Sem rodeios, ele argumentou que era daquele

modo que ele via a situação em que vivia, os acabamentos eram mal feitos mesmo, mas era assim sua realidade, e quem poderia discordar?



Figura 16 –Damião

Muito calado, introspectivo e concentrado, Isaías pegou o papel começou a desenhar a terra de onde havia vindo: o Mato Grosso. Conhecedor de plantas e árvores, desenhou um coqueiro e permaneceu o tempo todo da aula olhando para o desenho e pintando a árvore que desenhara, como se mentalmente contasse uma história para si mesmo ou como se o desenho o tivesse hipnotizado. A história que contou, baixinho, para si mesmo, foi demorada, melancólica seguida de cada traço de verde azul e marrom, provavelmente acompanhadas de lembranças de outra época. Não sei o que ele via, ou sentia, não relatou apesar de questionado, mas não faz mal, afinal a proposta da atividade não era vertical, cada um, à sua maneira, poderia se expressar como desejasse, e se desejasse. Como se ele não se preocupasse com nada, nem quisesse narrar o que via, o que representava ou o que aquilo significava, mas pelo seu olhar eu senti que o desenho significava muito para ele. Completei mentalmente com as palavras de Renato Russo os pensamentos de Isaías pela canção “Quase sem querer”³⁵:

“Já não me preocupo se eu não sei por que
 Às vezes o que eu vejo quase ninguém vê
 E eu sei que você sabe quase sem querer

³⁵ RUSSO, Renato. “Quase sem querer”. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/46972/>> (Visitado em 15-11-17)

Que eu quero o mesmo que você”



Figura 17 - Isaias

Salustiano, bastante extrovertido, desenhou a caixa d'água da Ceilândia/DF, cidade de onde veio. Eu não consigo pensar em Ceilândia sem lembrar de “Faroeste Caboclo”, o clássico da Legião Urbana, local onde aconteceu o duelo final entre Jeremias e João de Santo Cristo. Salustiano ainda representou a cidade de Brasília e o parque da cidade, disse que seu trabalho representava todo o DF e que, como não possuía endereço fixo, tudo aquilo era a sua casa. Uma flor no canto da página se destacou no desenho, ao ser questionado sobre o significado, ele disse que era a representação da professora de artes que muito o ajudava.

Assim como Renato Russo fez do DF cenário do seu faroeste e casa do personagem João de Santo Cristo, Salustiano faz do DF sua casa e vive suas próprias aventuras nas ruas. Os dois têm muito em comum do mundo das drogas, da violência, dos trabalhos esporádicos e dos amores por toda Brasília: na rodoviária, na Asa Norte, em Taguatinga, na Ceilândia. A história de João teve um fim, ele morreu assassinado e sem conseguir completar seu objetivo:

“E João não conseguiu o que queria

Quando veio pra Brasília, com o diabo ter
 Ele queria era falar pro presidente
 Pra ajudar toda essa gente que só faz
 Sofrer”.³⁶

Salustiano ainda escreve a sua história.



Figura 18 - Salustiano

Fernando desenhou uma casa simples, daquelas com telhado em formato triangular, porta, janelas, crianças, duas árvores e uma rede. A referência comum entre as crianças em idade escolar do ensino fundamental sobre o desenho de casa. Segundo ele aquele desenho representava o sonho de ter uma casa e uma família como foi retratado: esposa, filhos, e um jardim para cuidar. Contou-nos sobre sua vida e as dificuldades de morar na rua, do frio que passa quando começa a chover por não ter quarto e nem cama, do seu trabalho como lavador e guardador de carros em estacionamentos públicos. O seu jeito forte, marrento, bravo, pode ser intimidador, mas com um pouco de conversa, meu xará revelou-se uma pessoa frágil, cheia de

³⁶ RUSSO, Renato. “**Faroeste Caboclo**”. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22492/> > (Visitado em 15/11/2017)

sonhos, e de dificuldades. Sobre os sonhos, vida e história, Paulo Freire diz (2015 p. 36): “É possível uma *vida sem sonho*, mas não *existência humana e História sem sonho*”.



Figura 19 - Fernando

Um aluno não se apresentou. Chegou calado e saiu calado, não interagiu, não conversou, apenas fez seu trabalho e foi embora. Fez um desenho parecido com as pichações da cidade. Entre os grafismos reconhecemos algumas expressões como “*Bd Boy*” que eu suspeito que seja “*Bad Boy*” e “*Garoto Mal*”, segundo sua própria tradução.

Sinto um grito de revolta, o que não é para menos, uma necessidade de criar a casca do mal para sua própria sobrevivência, afinal ela pode ser necessária para quem não tem uma casa para se proteger. Contar sua própria história não é tarefa fácil para ninguém, ainda mais para quem precisa andar com armaduras por aí. As pessoas que estão nesta escola já estão acostumadas a deixar o escudo de lado em alguns momentos, como aconteceu com quase todos os alunos nesta atividade, menos com este. E é totalmente compreensível que isso tenha acontecido.

“Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão
 Eu sou metal, eu sou o ouro em seu brasão
 Eu sou metal, me sabe o sopro do dragão

Não me entrego sem lutar
 Tenho, ainda, coração
 Não aprendi a me render
 Que caia o inimigo então”
 disse Renato Russo em “Metal contra as nuvens”³⁷

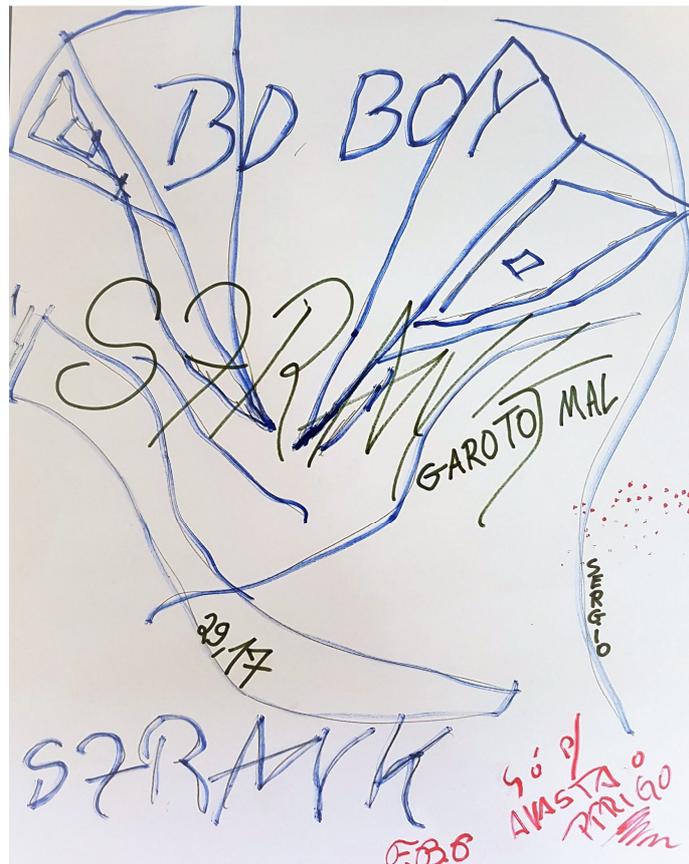


Figura 20 - Bd Boy

Ailton desenhou uma paisagem em uma linha de horizonte com algumas poucas flores e representação do céu. O desenho, segundo ele, é roça de onde veio, o resgate de sua juventude no Nordeste. Com desgosto e melancolia contou que estava triste com os rumos que sua vida tinha tomado: ele se mudou para o DF em busca de trabalho em Brasília, e conseguiu. Foi garçom, copeiro, teve carteira assinada, casa e salário, mas por falta de administração do dinheiro, ou pura falta de sorte, perdera o emprego, o salário, a casa e agora não conseguia mais outro emprego por não ter endereço fixo, por carregar para sempre agora a marca de pessoa em

³⁷ RUSSO, Renato. “**Metal contra as nuvens**”. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46952/> > (Visitado em 15-11-17)

situação de rua, como Jean Valjean de Victor Hugo que carregou para sempre o peso de ter sido preso um dia por ter roubado um pão para ajudar a família³⁸. Ailton sofreu também o peso do opressor em seus empregos, o trabalho nunca foi fácil, assim como não foi também para o oprimido Valjean, mas, pelo menos, como ele mesmo disse, tinha dinheiro para pagar as contas, agora nem isso tem. O personagem de Victor Hugo recebeu ajuda e voto de confiança de um bispo, Ailton talvez precise desse tipo de gesto para que possa sair das ruas, o que parece ser seu desejo maior. Nem todas as pessoas que moram nas ruas demonstram desejo de sair desta situação, embora todos saibamos que é uma vida bastante difícil. Algumas pessoas inclusive demonstram vontade de permanecer onde estão, como nosso primeiro aluno Daniel que buscava liberdade. Ailton não, ele precisa de um emprego, busca estabilidade financeira, parece frágil, triste e assustado. Ailton também preza muito pelas amizades que fez ao longo de sua vida e despreza o mal que presencia diariamente nas madrugadas e a violência que assiste nas ruas do centro da capital do país, o pânico de poder ser furtado a qualquer momento, as brigas entre rivais que lutam e se machucam por pouco: tanto para salvar o (pouco) que tem quanto para se apropriar do (pouco) que não tem.

Assim como Jean Valjean, que Ailton possa ter uma reviravolta: que possa ser ajudado - talvez por mim, pela Mariana, por alguém ou por nós todos - para que possa ajudar outras pessoas e que seu sonho se realize.

³⁸ Segundo a Wikipedia: “Jean Valjean é a personagem principal do livro Os Miseráveis, de Victor Hugo. Sua história é bastante trágica. Perde os dois pais ainda criança, sendo criado pela irmã. Quando ela fica viúva, com sete filhos para criar, ele começa a ajudá-la. Um inverno, porém, ele não consegue emprego. Desesperado, rouba um pão. É pego e condenado a cinco anos de trabalhos forçados, que, acrescidos de diversas fugas, tornam-se dezenove. Aos poucos ele vai percebendo que quem cometeu um crime não foi ele, foi a sociedade, pois o prejuízo que causou foi ínfimo em comparação ao que sofreu.” Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Valjean (visitado em 17/11/2017)



Figura 21 - Ailton

A professora Cláudia elaborou um desenho que representa os caminhos da vida, com palavras que representam o que encontramos pelo caminho. A colega Mariana desenhou o ideal de sua vida, a representação de uma vida longe da cidade, em uma comunidade que esteja situada em um local rodeado por natureza e mata.

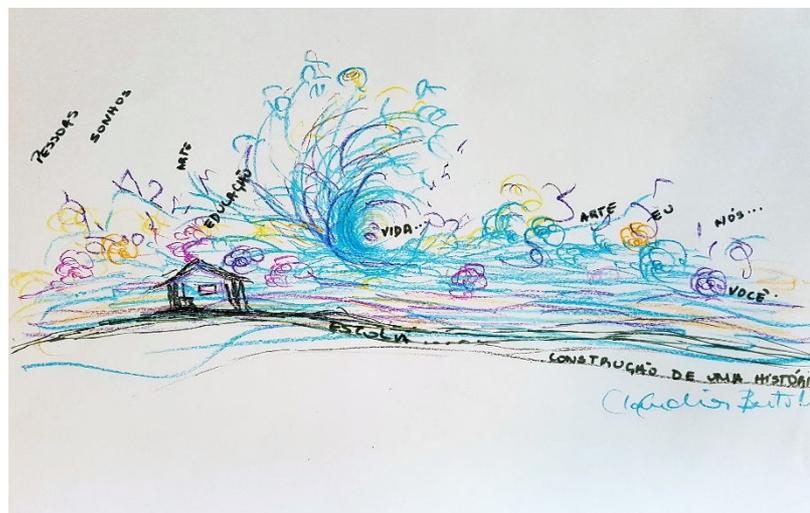


Figura 22 - Professora Claudia



Figura 23- Mariana

8.5 As expectativas e a realidade

“Solicitar aos estudantes que realizem histórias de vida pressupõe aventurar-se em um campo de pesquisa repleto de matizes e diferenças”

Fernando Hernández



Figura 24 - Aluna durante a realização da oficina

Como o projeto foi idealizado anteriormente à realização da oficina, fiquei durante algum tempo pensando em como poderia realizar a atividade e como ela seria executada. Este período foi importante para o amadurecimento do que seria feito, algumas modificações e adaptações foram pensadas, porém, como estamos lidando com seres humanos (adultos) e uma infinidade de variáveis, a atividade tomou seus rumos, mas felizmente eu considero que foi bem-sucedida.

Antes do dia da oficina e até a hora da atividade começar tive receio de não ser bem compreendido pelos alunos, de não se interessarem sobre o que eu tinha para contar e, principalmente, de não quererem compartilhar nada sobre as suas vidas - por vergonha, receio ou simplesmente falta de interesse, até porque nem todos me conheciam e não sei se eu conseguiria fazer com que entendessem meu propósito de estar ali realizando aquele tipo de atividade.

No dia da oficina proposta, a sala estava cheia como raramente tinha visto. Em média convivi com no máximo 6 ou 7 alunos por turma, tínhamos 9 alunos e, no total, 12 pessoas na sala. Alguns eram velhos conhecidos como o Ricardo e a Keli, uns eu já tinha visto pela escola ou já tinha encontrado em alguma aula, outros já tinha visto pela cidade, alguns não conhecia.

A ansiedade foi passando quando vi os primeiros traços dos primeiros alunos, aqueles que pegaram material e, sem rodeios, começaram a se expressar e contar um pouco de suas vidas. Daniel relutou um pouco como já relatado anteriormente, mas como foi o único, foi se acalmando aos poucos e foi avisado que ele era livre para não realizar a atividade caso realmente não quisesse, porém conversou, contou suas histórias, desabafou um pouco – fiquei contente, pois tive a impressão que ele se sentiu melhor após interagir conosco.

Os trabalhos foram realizados, a proposta foi cumprida, o registro foi feito e o mais importante: a troca de experiências aconteceu. Espero que os relatos possam ter feito cada um de nós refletir um pouco sobre a própria vida e aprender um pouco sobre a vida do outro principalmente para que essa troca de experiências e relatos possa gerar um senso de empatia e amor ao próximo num sentido de coletividade e ajuda mútua. Como disse Edgar Morin (2010, p. 55): “Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”. Era objetivo da atividade alimentar o senso de pertencimento à sociedade de Brasília.

Espero que o Ricardo e a Keli possam realmente focar e seguir o desejado caminho acadêmico e conseguir a graduação. Talvez eu ainda possa ajudá-los nos estudos. Que o Daniel

deixe a ansiedade de lado e tenha a paz que busca, talvez a Mariana possa ajudá-lo com a prática da yoga. Que o Damião continue tendo forças para trabalhar e garantir seu sustento. Que o Isaías continue a se interessar pela natureza e aprofunde seus conhecimentos. Que o Salustiano continue alegre e gostando de Brasília. Que o Fernando realize o sonho de ter uma casa. Que o Ailton consiga seu emprego. Que a colega Mariana encontre seu lugar de paz em meio à natureza e que a professora Cláudia sempre encontre surpresas boas pelo seu caminho. Que eu conheça mais pessoas e sempre possa ajudar alguém.

9. A realização da oficina e a abordagem triangular



Figura 25 - Durante a oficina

A oficina foi realizada segundo a proposta triangular de Ana Mae Barbosa que consiste em três etapas para que seja construído o conhecimento em artes: a contextualização (histórica), a apreciação artística da obra de arte e o fazer artístico.

Os participantes apreciaram os trabalhos apresentados, houve contextualização de todas as obras e, por fim, a produção artística. Seguindo esta linha de pensamento, na introdução dos PCN, afirma-se que “o aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando

produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar.”

A contextualização é parte fundamental do trabalho, pois é quando as informações são ordenadas em algum momento histórico aos alunos, não necessariamente apenas em uma linha do tempo imaginária, mas em uma contextualização de vida das pessoas. Renato Russo, o primeiro apresentado, tem uma importância afetiva e de proximidade com os habitantes de Brasília, pois em seu trabalho as referências à cidade são recorrentes, alguns espaços levam seu nome ou fazem referência ao artista³⁹, a cidade foi sua casa durante a juventude⁴⁰, parte da família ainda mora aqui e os alunos apreciam as músicas do cantor, além disso foi denunciante de um país repleto de mazelas, desigualdades, pobreza, corrupção e pessoas em situação de rua.

Frida Khalo foi tema de exposição no Centro Cultural da Caixa em Brasília que, segundo o site da própria instituição, foi a maior exposição da pintora no Brasil⁴¹, os alunos da EEMP viram a mostra com mediação no local. A professora de artes, além de já ter feito o trabalho anterior de contextualização da artista, mostrou o filme sobre a biografia de Frida⁴² aos alunos, ou seja, também era figura conhecida daquelas pessoas, além de ser personagem militante e ter lutado por causas sociais como, por exemplo, tendo ajudado vítimas da guerra civil espanhola e tendo sido fiel às suas convicções na luta pela justiça social, o que ideologicamente a aproxima dos brasileiros Renato Russo e Paulo Freire.

As obras de Van Gogh foram selecionadas pelo destaque no mundo das artes e a popularização do trabalho, além de ter passado a vida como um verdadeiro oprimido e frustrado, sem dinheiro para se sustentar, tentando aprender a desenhar e não conseguindo vender nada. Não era sabido que a professora havia ministrado aula sobre o pintor dias antes, o que facilitou o processo de apresentação e contextualização aos alunos.

A decisão da escolha das obras a que foram apresentadas teve relação com as teorias de Paulo Freire, pois houve pesquisa prévia sobre a familiaridade e relevância do material que seria mostrado aos estudantes a partir da realidade, da proximidade e dos interesses dos alunos para que pudessem estabelecer as conexões do que já foi estudado ou do que já conheciam.

³⁹ Como o Espaço Renato Russo na Quadra 508 da Asa Sul que está em reforma atualmente e a escultura “Eduardo e Mônica” que está à margem do lago do Parque da Cidade.

⁴⁰ Renato Russo morou com a família na Superquadra Sul nº 303.

⁴¹ Disponível em <http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Noticias/Noticia/Default.aspx?newsID=3578> (visitado em 17/11/17)

⁴² Filme “Frida” do ano de 2003. Direção de Julie Taymor. Salma Hayek interpreta Frida Khalo e Alfred Molina faz Diego Rivera.

10. A afetividade - Teorias de psicologia da educação

“Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três”
Renato Russo - “Pais e Filhos”⁴³

A teoria de Henri Wallon leva em conta a formação da pessoa como um todo, com destaque para as interações sociais, e não somente o desenvolvimento intelectual e é por este motivo que a prática da oficina proposta neste trabalho se torna interessante para a formação de cada um dos envolvidos, além de estruturar uma relação com o professor numa prática baseada na individualidade e na coletividade e de possuir dimensão afetiva durante a sua realização.

Ademais, esta teoria da emoção, conforme afirma Heloysa Dantas em Teorias Picogenéticas em discussão (1992 p. 86): “é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social”. Desta maneira, destaco que a atividade foi realizada segundo os preceitos da psicologia walloniana, levando a um fortalecimento da empatia, portanto da afetividade e estimulando a interação social entre todos os participantes, permitindo que o espaço da escola deixe de ter apenas a finalidade instrucional e possa também ser local de desenvolvimento humano. Segundo Maria Letícia B. P. Nascimento (2004, p. 65) “o processo de humanização se concretiza nos meios e nos grupos que a criança frequenta” e, de acordo com Henri Wallon, (1996, p. 168) “o meio é um complemento indispensável ao ser vivo”.

⁴³ RUSSO, Renato. “**Pais e filhos**”. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22488/>> (Visitado em 15-11-17)

11. O grupo invisível e Paulo Freire

“Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais” escreveu Paulo Freire em *Educação e Mudança* (2014. p.82). Um trabalho que envolve biografia, identidade e arte é fonte riquíssima de conhecimento para adentrar no mundo dos alunos e refletir sobre o lugar onde estão cultural e sociologicamente, além de ser possível utilizar o que foi produzido e aprendido para pautar futuras ações de educação pois, segundo Freire (2015 p. 35) “respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos (...), os educadores têm um ponto de partida para sua ação.”

A escolha do grupo para a realização desta oficina foi importante pois se trata de um grupo de alunos “invisíveis” perante a sociedade que podem se encaixar no grupo que Paulo Freire chamou de “oprimidos”. A tentativa de dar protagonismo e voz a essas pessoas, além de um ouvido atento ao que tem a dizer, pode ter papel importante na formação de cada um dos participantes, inclusive na minha.

A escolha da escola e do grupo não foi neutra ou aleatória, houve consideração de toda a realidade social e histórica dos alunos da EMMP e, o foco de atuação em cada um dos participantes, inclusive os que não estão em situação de rua, foi elemento fundamental para o sucesso dos objetivos da oficina, afinal todos buscamos conhecimento para que possamos, de alguma maneira, tentar trabalhar nossos limites.

Desde o início das atividades, a intenção da oficina foi ouvir as pessoas em situação de rua, dar voz a elas, aprender com a troca de experiências e histórias. Toda a atividade foi pautada entre (seres humanos) iguais num exercício de conscientização política dos dois grupos presentes. Isto não quer dizer que não houve conflito ou que todos não tenham consciência de suas condições sociais, pelo contrário, ficou nítido como os relatos daqueles que moram na rua carregam uma narrativa de situações e assuntos como a violência, as drogas, as dificuldades financeiras e, daqueles que não estão em situação de rua, de outros assuntos. Porém, houve uma tentativa, bem-sucedida, de diálogo entre iguais (enquanto seres humanos) em um momento de troca de experiências.

Ainda segundo Paulo Freire (2014 p.34) “o homem deve ser sujeito da sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”, além disso uma pessoa ao entender que é um ser inacabado, busca após autorreflexão o conhecimento em uma busca de si mesmo ou sobre si mesmo.

Um viés deste trabalho também é político (e educação é um ato político, como afirma Paulo Freire⁴⁴) considerando uma tentativa de mostrar aos oprimidos que eles também possuem voz ativa na sociedade e que, tomando esta voz em seu poder, podem usá-la para falar num patamar de igualdade com o opressor. O papel social do educador também vai além da atividade proposta, interagindo com a instituição educacional carente de voz e visibilidade, assim como seus frequentadores.

Nesta atividade, assim como em todas as propostas educacionais, o diálogo em uma relação horizontal é peça fundamental pois, é através dele que são construídos laços de amizade, amor e empatia, diferente de uma relação vertical ou antidialógica em que um sujeito se impõe sobre o outro. A intenção foi dar voz aos que não a possuem para que possam tomá-la para si e usá-la para reivindicar o que for preciso e lutar pelo que necessitam.

Espero sinceramente não ter feito papel de opressor, embora tenha corrido este risco. A intenção não foi ser solidário com os oprimidos e assisti-los de alguma maneira⁴⁵, mas sim estar junto com cada uma das pessoas envolvidas nesta atividade usando o espaço deste trabalho acadêmico para dar voz a cada uma delas individualmente e, em conjunto, ajudando a fortalecer a instituição governamental EEMP que jamais deve ser extinta⁴⁶.

12. Conclusão

“É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há”
Renato Russo - Pais e Filhos⁴⁷

⁴⁴ De acordo com Paulo Freire (2015 p. 10): “Não há educação neutra. O ato de educar é fundamentalmente um ato político”.

⁴⁵ Espero não ter sido alguém com um trabalho que descreve o que viu à distância, espero ter realmente estreitado os laços com os participantes da atividade. Não acho, porém, que esta atividade sozinha e destacada de um contexto de dois semestres seguidos de estágios na EEMP tenha grande valor, ela faz parte de um conjunto de ações que começa no estágio, passa por este TCC e possivelmente continuará com trabalho voluntário. Não tive tampouco pretensões de libertar ninguém, jamais pensei nisto e nem poderia ter tamanha pretensão, afinal “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” segundo Paulo Freire (2015 p.71).

⁴⁶ Acredito que um trabalho acadêmico como este pode ajudar a dar visibilidade à escola e às pessoas que ela atende.

⁴⁷ RUSSO, Renato. “**Pais e filhos**”. Disponível em: < <https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/22488/>> (Visitado em 15-11-17)

O amanhã para quem não tem onde morar é incerto. Penso que o simples fato de sobreviver nas ruas já é um ato de militância. As pessoas dependem muito de si mesmas, da vontade interna de viver, de sua coragem, da ajuda que muitas vezes não vem, de sorte, do tempo bom, de um dinheiro trocado, de um cumprimento. Tento entender a mim mesmo, o lugar em que vivo, a sociedade em que estou e esta interação com quem é invisível e oprimido. Espero que este trabalho tenha trazido aos alunos uma experiência de expressar parte de sua história através de um fazer artístico e que o diálogo sirva para que cada um entenda melhor o outro e possa compartilhar suas aflições, medos e rancores de uma vida difícil com pessoas dispostas a ouvi-los, num gesto de carinho com o próximo e, quem sabe daqui algum tempo, possamos ter incentivado uma artista como Frida, um pintor como Van Gogh, um poeta como Renato Russo, um filósofo como Paulo Freire ou um escritor como Victor Hugo.

Várias experiências modificaram minha vida e meus pensamentos e me fizeram entender e me interessar mais sobre arte, sociedade, política e sobre este país que “não é para principiantes”, conforme frase atribuída a Tom Jobim. Desde o primeiro dia em que fui à Escola de Meninos e Meninas do Parque e tive receio de entrar por conta dos rostos que me olhavam desconfiados, talvez por estar me sentindo em território desconhecido onde os invisíveis eram maioria, até o dia em que não consegui dormir por ter ouvido a história do catador de latinhas que havia sido surrado injustamente pela polícia, humilhado pela delegada do plantão da Polícia Civil e seu material de trabalho apreendido, eu tive verdadeiro fascínio e curiosidade por aquele mundo, queria estar ali para aprender de onde vem aquelas pessoas, por que elas estão em situação de rua? Por que, até então, eu não conversava com elas? Para onde vão em noites frias ou de chuva⁴⁸? É muita incerteza e insegurança para uma pessoa suportar, afinal como a Mariana notou de pronto: sou taurino e preciso de estabilidade e solidez para viver. Eu admiro quem não desiste da vida e luta contra as adversidades, isso me comove.

Preciso saber o que se passa nessa marginalidade, para poder ajudar quem precisa (e quer) da minha ajuda, este trabalho também tem a função de dar visibilidade e voz a todos os envolvidos, e que suas histórias de vida possam ser lidas por outras pessoas, para que também possam refletir sobre a vida daqueles seres humanos invisíveis que lhes pedem um pastel ou um trocado na plataforma da rodoviária.

⁴⁸ Certa vez um aluno me contou que fica em um cantinho espremido entre dois prédios e coberto por papelões no SBN (Setor Bancário Norte) ele sempre escolhe este local pois há uma tomada por perto e ele pode carregar seu radinho e ouvir música para dormir. Outro disse que se enrola em panos, sacos e cobertores em um barranco no SDS (setor de diversões sul), a água escorre em volta, mas ele não se molha.

Espero ter ajudado com meu tempo, atenção e talvez com incentivo aquelas pessoas com quem convivi durante este trabalho e durante os estágios, espero continuar fazendo trabalhos que possam sempre ajudar pessoas em situação de rua, minorias e oprimidos, como já tanto fez minha orientadora Lisa. Espero ainda fortalecer, com este singelo trabalho, a ideia de que a instituição EEMP deve permanecer forte e funcionando, pois, muitas vidas e suas transformações dependem dela.

Não conheci o oprimido Van Gogh e suas histórias de fracasso, medo, loucura e incerteza me foram contadas pelas obras que pintou, pelas biografias que foram escritas e pelas cartas que trocou com seu irmão Theo e que foram publicadas. Não conheci a forte e dramática Frida Khalo, sua dor física e mental, suas paixões e rompantes, sua superação e militância. Um filme, um diário e um livro, juntamente com seu belíssimo trabalho me contaram tudo que sei. Não conheci o mestre Paulo Freire, li seus trabalhos, ouvi algumas entrevistas, ganhei um ídolo durante o curso de artes visuais. Apesar de ter conhecido sua família, não conheci Renato Russo, apenas vi suas fotografias, escutei suas canções durante toda a minha vida, li seus diários e me perguntei se ele realmente queria que alguém os tivesse lido. Mas tive o imenso prazer de ter conhecido minha querida e paciente professora e orientadora Lisa, minha sensível colega Mariana, a doce professora Cláudia, a forte diretora Amelinha, a determinada Keli, o batalhador Ricardo, o romântico Daniel, o sonhador Ailton, o extrovertido Salustiano, o realista Damião, o trabalhador Fernando, o melancólico Isaías e tantas outras pessoas que passaram pela minha vida e que ainda permanecerão presentes e me farão refletir sobre onde estou e o que poderia fazer para melhorar o lugar onde vivo.

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC / SEF, 2000.

CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação. Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp. 2004

CHUÍ, Fernando e TIBURI, Márcia. **Diálogo-Desenho**. São Paulo: Editora SENAC. 2010.

DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohl; LA TAILLE, Yves de Piaget, Vygostsky e Wallon: **Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Editora Summus. 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança** - 36 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista**. São Paulo: Zahar. 2015.

HERNÁNDES, Fernando, TOURINHO, Irene, e MARTINS, Raimundo. **Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida**. Revista da UFG 2 (2006): p. 110-118.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, 2007: p. 413-438.

MARCELO, Carlos. **Renato Russo – Filho da Revolução**. São Paulo: Editora Planeta. 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

RIBEIRO, Vera Maria Magasão (Coordenação). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento**; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. 1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino Fundamental. 3. currículo. CDU - 374(81)

ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

RUSSO, Renato. **Só por Hoje e Para Sempre - Diário do Recomeço**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Os meios, os grupos e a psicogênese da criança**. In: WERBE, M.J.G. &

NADEL-BRULFERT, J. Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.